

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTONIO VAZ | Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA - MELGAÇO | Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ
AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 40\$00 - Estrangeiro 80\$00 * ANO XXIV - N.º 465 - Melgaço, 15 de Janeiro de 1971 * Tip. Augusto Costa & C.ª, L.da - Tolel. 22455 - Braga

PROBLEMAS ACTUAIS em MELGAÇO...

- O caso de Santa Rita!
- Perseguição a um funcionário da Câmara?
- O caso do recenseamento em Castro...
- A Câmara aumentou-nos o custo de vida...
- Quem olha por nós?

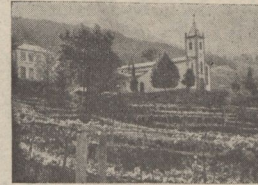
Tarde se apagará nas nossas almas o caso do embargo das obras de Santa Rita e a multa aplicada. Não se atingiu aquele que anda empenhado, há alguns anos, em minorar a sorte de muitos pobres, oferecendo-lhes nesta abençoada terra, um Lar, para sossego e repouso. Nada se recebeu ainda do Estado. E nada se pensa receber dele! Tudo se fez com a boa vontade de milhares de benfeitores de todas estas terras e de outras dos concelhos vizinhos. E a obra lá vai subindo. E é neste seu quase fim que surge um homem o qual passou vários anos no Seminário, onde comeu o pão dos pobres, ele também, e veio agora embargar a obra e multá-la. Em outras terras, como Braga por exemplo segundo nos informam, não se é tão exigente com trabalhos destes e da Igreja. Foi-se aqui, quando em 12 anos atrás ninguém perguntou por licenças. E, quando se pensa recolher pobres velhinhos da Arquidiocese e crianças abandonadas, um sonho que não nos deixaram realizar no hospital, com a mesa que nos acompanhou, veio o embargo.

O Senhor Jesus tem-nos batido à porta, para recolhermos com urgência um pobre homem diminuído mental, que ao longo do dia se suja e a quem faltou, há meses, a mãe. Já se falou na Assistência, nas Casas de S. João de Deus e no Calvário do saudoso Padre Américo, mas ainda não foi recebido. Pensamos recebê-lo nesta Casa. Seu pai já não pode mais. Mas que pena, quando é o Senhor que chama e não podemos responder. Vamos no entanto tentar. É um risco, muito grave, mas é pelo Senhor.

A perseguição a um funcionário da Câmara! — Toda a vila e depois o concelho, ficou abalada com a notícia de que foram mandados sucessivamente a um funcionário da Câmara dois médicos, para verificarem se se tratava realmente de doença.

(Continua na 6.ª pág.)

Por Santa Rita



Graças a Deus, tem sido muito grande o movimento de solidariedade em volta dos nossos irmãos que se encontram neste Lar. E assim, continuam as ofertas dos nossos vizinhos, envolvidas no seu carinho. Nunca pensamos que um dia a gente da nossa terra envolvesse tão carinhosamente os nossos irmãos. Bem hajam.

Também foram muitos os donativos à nossa querida Padroeira. Oxalá que brevemente possamos começar a nova igreja em honra de Maria Rainha Imaculada.

E assim, do sr. António Aug. Meleiro, de Cavaleiro Alvo, 40\$00; da sr.ª Adélia Esteves, da Rasa, 150\$00; da sr.ª Pureza Fernandes, também de Rasa, 20\$00; da sr.ª Adélia Esteves, um par de brincos e 145\$00; da sr.ª Luiza de Abreu, do Peso, que aqui vem muitas vezes, mais 25\$00; da sr.ª Maria Pires, de Cavença, 20\$00; do sr. Manuel Fernandes Ferreira, da Carreira, 50\$00; da sr.ª D. Claudina Gomes, de Remoães, 50\$00; da sr.ª D. Deolinda Pinto, Remoães, 100\$00; do sr. José António Baptista, S. Paio, Carrasqueira, 500\$00; de um generoso anónimo, de Bilhões, 511\$00 e mais 20\$00; do sr. Fernando Martins e

(Continua na 6.ª pág.)

Pontas de fogo

Acerca da homenagem prestada ao bravo herói de Melgaço, António Lobato, escreveu o sr. dr. Abel que ela tinha o apoio da A. N. P. No próprio dia da homenagem disse isso mesmo no seu brinde. Não disse quem lhe deu a procuração.

Consta que será ele o futuro presidente da Comissão Concelhia de Melgaço. Custa-nos a acreditar que tal possa acontecer, apesar do sucedido com a exoneração do sr. prof. Rodrigues. Não acreditamos, nem são essas as finalidades propostas pelo sr. Presidente do Conselho. A A.N.P. não pode ser confiada senão a quem promova a união. Ora nos jornais de Melgaço e Valença com serenidade e objectividade vê-se o que faz o sr.

(Continua na 6.ª página)

O Santo da Quinzena

Epifania do Senhor

A Epifania, isto é, aparição do Senhor, é festa que a Igreja celebra, por apresentar-nos três grandes mistérios, em que Jesus Cristo se manifestou ao mundo como Filho de Deus e Salvador do género humano. O primeiro destes mistérios é a adoração que os três Magos prestaram ao Menino, em Belém. O segundo, é o Baptismo de Jesus Cristo no Jordão, ocasião em que o Pai celeste fez a apresentação de Seu Filho, dizendo: «Este é o meu Filho muito amado, em quem pus a minha complacência». O terceiro, é a transformação da água em vinho, milagre que Cristo fez, por ocasião das Bodas de Caná.

Logo após o seu Nascimento, no estábulo de Belém, Jesus Cristo quis manifestar-se aos judeus e aos pagãos. Aos pastores, que estavam nos cam-

(Continua na 6.ª pág.)

Sonhar é fácil

ou um Plano utópico apresentado ao Conselho Municipal pelo Presidente da Câmara de Melgaço

(Atrazado na Redacção)

O Presidente da Câmara de Melgaço, sr. dr. Sidónio S.S.S.S., apresentou ao Conselho Municipal, em 15 de Setembro último, para apreciação, o Plano de Actividades para o ano de 1971.

Prevê, o dito Plano — reparem leitores amigos! — uma receita, e igual despesa, de 20 575 000\$00!!!

Bravo, sr. Presidente!

Isto é que é fatura!

Vinte mil e tal contos de receita, e vinte mil e tal contos de despesa em Melgaço no próximo ano de 1971!!!

Onde irá buscar tanto dinheiro, o sr. Presidente?

Acreditará na possibilidade de realizar todas as obras programadas?

Sonhar é fácil!

Muito sonhou o sr. Presidente!

Tenho pena, que, o sr. dr. Sidónio, de obras da sua administração, não realize, nem sequer a quarta parte O futuro o dirá; é questão de esperar. Na devida altura, se não me esquecer, darei as informações pertinentes.

Com que cara ficarão aqueles melgacenses que leram com entusiasmo e interesse o referido Plano de Actividades, de que Sua Ex.cia fez larga propaganda, vendo que, a maior parte das obras enunciadas, ficam sem realizar?

Com que cara de desapontamento e surpresa. E da boa política prometer menos e realizar mais, e não prometer mais e realizar menos.

O Presidente, sr. dr. Sidónio S.S.S.S., tem certa desculpa porque é *recruta*; ainda não está há um ano à frente dos destinos do concelho.

Quando passar a *pronta*, pensarà doutra maneira.

Mas que *sonhada* tem o sr. Presidente:

Vinte mil e tal contos de receita e vinte mil e tal contos de despesa na Câmara de Melgaço, cuja receita ordinária anda à roda dos mil contos, apenas!!!!

O sr. Presidente apresentou um Plano utópico!

Que pena ser utópico...

P. S. — Continuaremos a fazer uns breves comentários ao Plano de actividades já que o sr. dr. Sidónio, Presidente da Câmara, por falta de estudo de certos problemas, censurou e beliscou, injustamente, o seu antecessor, professor Rodrigues.

A. RODRIGUES

No Colégio de Melgaço Caminha-se para a Espanholização

Há pouco tempo, numa aula de ciências naturais, o sr. prof. Lourenço pedia a um aluno para dizer o que estava escrito no respectivo mapa acerca duma determinada parte do corpo humano. O aluno leu, reparou bem, senhores: «aparato digestivo». O sr. prof. ficou transtido e pensou que o aluno se enganasse. Mandou ler de novo e com mais atenção. O aluno leu até mais devagar: «*a-pa-ra-to* di-ges-ti-vo. Aproximadamente do mapa o sr. prof. e vê que assim estava escrito. E que o mapa era espanhol (como tantos outros artigos, segundo dizem e nós não acreditamos) e, em vez de «Aparelho digestivo» tinha e tem «aparato digestivo» rições, hígado, etc.! Ao que se chega! Terá isto passado despercebido aos respectivos inspectores? Pode-se permitir uma tal deformação dos alunos e dar-lhes tão mau exemplo de portuguesismo?

Tenente LOBATO

Estava para entrar na impressão o nosso jornal, quando soubemos que o nosso conterrâneo António de Sousa Lobato fora promovido a Tenente.

Parabéns.

COMUNICADO

Carvalho & Silva, L.ª

(Com sede em CASTRO LABOREIRO)

Comunica a todos os seus clientes que suspende, as suas actividades financeiras, até nova ordem.

A Gerência

Várias Notícias da Vila

Agência de Viagens Rumo

— Não queríamos, por nada, desgostar o sr. Director da Agência de Viagens Rumo, João Hilário Gonçalves, mas o gesto de caridade que intimamente praticou é tão grande que não o podemos silenciar.

Uma pobre rapariga de Requeijo, casada em Lisboa, na Damala, já há muito não tinha notícias de seu marido, que vivia nos arredores de Paris. Com ela, viviam seus quatro filhinhos. O problema da alimentação estava a ser muito grave.

Pediu-se ao sr. Director da Agência de Viagens Rumo, se a podia mandar levar numa das suas caminhetas até Paris. A resposta veio logo. Que iria e nada pagaria.

A rapariga foi, seu marido recebeu-a cheio de alegria e agora vivem contentes.

Mais um belo gesto de carinho do sr. Director de Agência de Viagens Rumo.

O nosso vivo agradecimento.

Dr. Joaquim da Rocha Lima — De visita à sua família, tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso ilustre conterrâneo, sr. Dr. Joaquim da Rocha Lima, distinto médico em Coimbra.

Os nossos cumprimentos.

Dr. Rui Manuel de Menezes — Encontra-se entre nós, de visita à sua família, o sr. Dr. Rui Manuel de Menezes (Geólogo), funcionário superior da Companhia dos Diamantes em Angola.

Os nossos cumprimentos.

Dr. Orlando Guedes da Costa — Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria Fernanda Teixeira Guedes da Costa e filhos, tivemos o prazer de ver nesta vila, de visita à sua família, o sr. Dr. Orlando Guedes da Costa, residentes na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

Afonso Moura — Após ter passado uma temporada, em gozo de merecida licença, na sua terra Natal, regressou há dias, o sr. Afonso Moura, Dg.^{mo} Agente da Direcção Geral de Segurança, em serviço no posto fronteiriço do Peso.

Os nossos cumprimentos.

Para o Ultramar — Em missão de soberania, partiu para a nossa provincia ultramarina da Guiné, o nosso conterrâneo, sr. José Alfredo Cerdeira, 1.º Sargento de Infantaria, que até esta data, prestava serviço no Regimento de Infantaria n.º 8, em Braga.

Desejamos-lhe, boa viagem e feliz regresso.

Rev. P.º Júlio Vaz — De visita aos seus familiares, esteve durante alguns dias na freguesia de Rouças, o sr. Rev.

P.º Júlio Vaz, ilustre Director do nosso jornal e distinto jornalista.

Os nossos cumprimentos.

Augusto Esteves — Tivemos o prazer de ver entre nós, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Augusto Esteves, escriptorário de 1.ª Classe do Tribunal do Trabalho em Leiria.

Os nossos cumprimentos.

Felipe de Freitas — De passagem, tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo e estimado assinante e também o muito conhecido artista da «Rádio e Televisão», Felipe de Freitas.

Os nossos cumprimentos.

Aniversários — No passado dia 2, festejou o seu aniversário natalício, o menino António Maria Serrano Marques Rego Pires, filho do nosso conterrâneo, sr. Engenheiro António Manuel Rego Pires e da sr.ª D. Maria Alexandrina Serrano Marques Pires, residentes em Matosinhos.

Por tal motivo, os avós maternos do jovem António Maria, tiveram a gentileza de oferecer em sua casa, um opiparo almoço a inúmeros convidados.

Ao aniversariante, desejamos que esta feliz data se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

— No passado dia 6, (Dia de Reis), festejou o seu aniversário, o nosso amigo, sr. Alfredo José da Costa, 1.º Cabo da Guarda Nacional Republicana, e Comandante do Posto desta vila.

Por tal motivo, desejamos ao sr. Cabo Costa, longa vida e os nossos parabéns.

Visitantes — No «Solar de Galvão» desta vila, estiveram durante alguns dias, o sr. Dr. Artur Anselmo, advogado no Porto, sua esposa sr.ª D. Maria

Bodas de Ouro Matrimoniais

Há dias festejou as suas bodas de ouro, o simpático casal desta vila, sr. João Cândido da Rocha, funcionário judicial, aposentado, e nosso estimado assinante, e sua esposa sr.ª D. Filomena Rodrigues Nabeiro da Rocha, que tiveram a gentileza de oferecer em sua casa um opiparo jantar a inúmeros convidados e familiares.

Os nossos parabéns ao tão simpático casal, que através da sua vida, soube dar exemplos de educação e civismo a seus filhos.

Daqui, lhe enviamos um abraço, desejando-lhe muitos anos de vida.

A. P.

Alberta Pereira da Costa Anselmo e familiares, sr. Dr. Francisco Botas, esposa sr.ª Dr.ª D. Elia Anselmo Botas (ambos médicos em Lisboa), sr. Adriano Faria, industrial no Porto, esposa sr.ª D. Rosália Anselmo Faria, sr. Dr. Armando de Magalhães, advogado no Porto e esposa sr.ª D. Natália Anselmo de Magalhães.

A todos os nossos cumprimentos.

Duartina Saraiva — Após ter passado o Natal junto de sua família nesta vila, partiu há dias para Guegnon (França), a menina Duartina Saraiva, acompanhada da sr.ª D. Ludovina Pereira.

Desejamos-lhe que tivessem feito boa viagem.

Para Lisboa — A fim de tratar de vários assuntos, partiu para Lisboa, onde demora alguns dias, o nosso colaborador e correspondente de Prado, sr. Manuel José Gomes de Sousa.

Desejamos ao nosso amigo, boa viagem e feliz regresso.

Totobola — No 16.º Concurso de 27/12/970, por intermédio da Matriz 3937003, foi distribuído mais um segundo prémio ao sr. José Maria Gomes, do lugar da Carpinteira, freguesia de S. Paio.

O Premiado entregou a sua Matriz na Agência 18-031 do sr. Miguel Henrique G. Pereira da Rua da Calçada desta vila.

Os nossos parabéns e oxalá que o concorrênte para a próxima seja mais feliz.

E com este já o quarto prémio deste ano, distribuído por aquela Agência.

Manuel Hernani de Almeida — Depois de ter gozado a sua merecida licença, partiu para a Ilha Terceira (Açores) o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Manuel Hernani de Almeida, muito digno Sub-Chefe da P. S. P., naquela localidade.

Desejamos-lhe, que tivesse feito boa viagem e que brevemente o voltemos a ver entre nós.

Falecimento — Na freguesia de Couto, Arcos de Valdevez, faleceu no passado dia 19 de Dezembro, a sr.ª D. Beatriz Augusta Rodrigues, de 77 anos de idade, viúva, natural da freguesia de Chaviães.

A extinta, era mãe do sr. Aurélio Rodrigues Barbosa, Guarda Florestal; António Rodrigues Barbosa, D. Maria da Luz Barbosa e D. Teresa Rosa Valério de Azevedo Amorim.

O funeral realizou-se no dia seguinte, para o cemitério paroquial daquela freguesia.

BANCO FERNANDES MAGALHÃES



PORTO

LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Sociedade Acidente de Viação

Aniversários

Fazem anos: amanhã, D. Maria Ivone Ferreira da Silva Pardal; no dia 17, a menina Isilda de Jesus de Melo Araújo; no dia 18, D. Zulmira da Glória Afonso Ribeiro, e a menina Maria Armanda Dias de Figueiro, e o jovem Carlos Augusto Alves; no dia 20, José do Nascimento Gonçalves; no dia 21, António Abílio Rodrigues da Cunha; no dia 22, a menina Maria Florinda Lopes de Sousa Cardoso; no dia 24, D. Maria Beatriz Ribeiro de Castro e D. Maria da Paz Soares Calheiros Gonçalves; no dia 25, António Perfeito Soares e Eleutério dos Anjos Golin; no dia 26, o jovem Fernando Nuno Dantas da Costa Afonso; no dia 27, o menino Fernando António do Souto Alves; no dia 28, D. Judit de Barros Dúrcas; no dia 29, D. Maria Júlia das Neves Pinheiro; no dia 30, D. Graçinda Gonçalves e D. Ofélia de La-Salette Reis Gonçalves; no dia 31, Mário Guerreiro Rahnada.

Cumprimentos

Enviou-nos o Tenente Abílio Conde, comandante da G. F. em Mogadouro. Gratos.

Pelas 17.30 horas, do dia 8 P. P., no local denominado Ferraria, freguesia de Paços, o ciclista motorizado, Manuel Dantas, casado, de 33 anos, natural dos Arcos de Valdevez e residente em Padrenda (Espinha), devido à sua distração, embateu violentamente contra um autocarro da carreira Melgaço — S. Gregório.

Em consequência do acidente, o Manuel Dantas, sofreu ferimentos graves na cabeça e várias contusões pelo corpo, sendo socorrido no Banco do Hospital da Misericórdia desta vila.

A G. N. R. do posto local, tomou conta da ocorrência.

Assine e Anuncie na «A VOZ DE MELGAÇO»

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO
SOLICITADOR

★
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

«SEGUROS»

Acidentes Pessoais — Acidentes no trabalho
Automóveis — Caça — Fogo (incluindo raio)
S. Cristóvão — Vida — Vidros e Cristais, etc.

COLOCA EM COMPANHIAS NACIONAIS OU ESTRANGEIRAS

Miguel H. G. Pereira

Rua da Calçada Telef. 42212 MELGAÇO

MANCOZAN

Pó molhável monocromizado e azul, ideal para as suas «sulfatações». Está dando, como de costume, os melhores resultados. Verifique qualquer vinha «sulfatada» com este produto, e tirará esta conclusão: defesa segura, contra o mildio e maior produção.

Agente distribuidor:

Miguel H. G. Pereira

Rua da Calçada Telef. 42212 MELGAÇO

Foto CALDAS

TELEFONE, 42220
MELGAÇO

EXECUTA todo o trabalho em Fotografias e vende todos os materiais para as mesmas.

Reportagens para Casamentos, Baptizados, Comuns, Aniversários, etc.

Agência de Viagens «RUMO»

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Combóio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

CONVERSANDO

(À lareira)

(Atrazado na Redacção)

— Então, compadre, cá estamos mais uma vez no fim dum ano e no começo de outro!

— É verdade! Quem diria, há doze meses, que este ano havia de acabar tão depressa! Parece que foi ainda ontem que nos estávamos a desejar um Ano Novo muito feliz e já hoje estamos, de relógio na mão, à espera que soe a primeira badalada da meia-noite, para atirarmos à rua os trastes velhos e tocarmos tambor no fundo de algum caldeiro!

— Se a polícia nos deixar, compadre, que eu, este uso da barulheira na noite de Ano Bom e da porcaria atirada à rua, sem respeito pelos outros, não o acho lá muito próprio de gente civilizada!

— Tens razão! Essas coisas ainda se desculpavam no nosso tempo de fedelhos, porque eram tomadas à conta de rapaziadas; mas hoje, com tudo tão evoluído e com os jovens a gritar-nos aos ouvidos que são adultos e que já lá vai o tempo dos paternalismos, parece-me estupidéz querer-se retomar um hábito que era quase selvagem!

— Mas quer o compadre saber uma coisa?!

— Dize lá, homem!

— Aquele costume de atirar as velharias à rua levava-nos a pensar que era também preciso a gente desprender-se dos vícios e dos maus hábitos, para começar, na graça e na bênção de Deus, um novo ano!

— Mas eu não acho que seja preciso isso para fazermos efectivamente essas reflexões, ou seja: que o tempo nos é dado por Deus para termos de nos converter de todo o coração, pois a maior desgraça que pode suceder a uma criatura é acabar-se-lhe o tempo sem se despojar do pecado que mata o amor de Deus na alma e conduz à eterna condenação!

— Esse medo tenho eu, compadre! Andar um homem a penar uma vida inteira, matando o corpo com trabalho e às vezes até ofendendo a Deus, só na ganância de ajuntar mais algum bocadito para os filhos, e apanhar-nos a morte de desprevidos, sem termos posto em dia as nossas contas com Nosso Senhor!...

— Pois é: todos devemos ter medo de morrer na impenitência final, porque os senhores padres que estudam estas coisas e lêem lá nos livros dizem que a perseverança final é uma graça muito especial e a única que assegura o valor de todas as outras gra-

ças que um homem recebe durante a vida.

— Então já vê o compadre como é caso para ter medo de que a morte nos apanhe desprevidos!

— É certo isso! Mas lembra-te, também, que o povo diz, a voz do povo é voz de Deus, tal vida, tal morte! Por isso, quem vive habitualmente na graça de Deus deve esperar da Sua misericórdia morrer também na Sua graça e no Seu amor!

— De qualquer maneira, compadre, o certo é que o tempo corre como um raio e este ano, mal a gente se precata, já está a estrebuchar... E, se quer que lhe diga, foi um ano que não me deixou saudades!

— Então porquê?!

— Porque durante ele sucederam-se tantas coisas más, houve tantas desgraças, viu-se tanto desvario até entre pessoas da igreja, que francamente, compadre, foi um ano que não me deixou saudades nenhumas!

— Também não é caso para seres tão pessimista, homem! Para além de todo o mal que tu viste (e que também fizeste!) e doutros males que não viste nem sonhaste, houve muito bem que não tocou o sino para ser apregoadado: muitas almas boas se santificaram mais, muita caridade e muita justiça se fez, às ocultas, muitos apóstolos se sacrificaram num testemunho de palavra e de vida, muitos padres que não berraram nas praças nem parangonaram nos jornais viveram a sua fidelidade a Cristo, à Igreja e ao Papa, e muitos outros, também, que de boa fé julgaram estar com Cristo e com a Igreja contestando autoridade e doutrina, sofreram os seus amargos de boca que são sempre a sorte de quantos se batem por um ideal. Todo este bem não é conhecido, mas é valor positivo que dá ao tempo que se escoou um valor de eternidade!

— Pois é, compadre! A gente é que está sempre mais propensa a ver o mal do que o bem... Mas, seja como for, vamos ver se este ano que agora começa é mais bem aproveitado em obras que contribuam para a glória de Deus e para a salvação das almas.

Dr. Luis Domingues
CLINICA MÉDICA

Rua Formosa, 253 - 2.º - Dt.º
Tel. 29415 **PORTO**

De Parada do Monte

9-971

Festa do Menino Deus — Foi no dia 3 que se realizou, nesta freguesia, a festa em honra do Menino. A missa da festa principiou ao meio dia com a instrumental dos Cade-tes de Tangil. Ao Evangelho pregou o sr. P.º da Gave, que muito agradou. No fim da missa, saiu a procissão, que percorreu o itinerário do costume. Ao recolher, foi arre-matado um ramo por 1.800\$00, e os Reis por 1.500\$00.

Nascimento — Teve a sua delivrance na Maternidade do Hospital da Misericórdia de Melgaço, a sr.ª prof.ª D. Maria Lucena Ribeiro, esposa do sr. António Ribeiro.

Chegadas — Chegaram de França os srs. Manuel Pires, esposa e filho.

Partidas — Para França: os srs. Jesué Esteves, César Esteves, Manuel Pires e filho, Manuel Afonso e José Pires.

— Para Lisboa, onde foi tomar conta do seu lugar na Caixa Geral de Depósitos, partiu o nosso amigo António José da Cunha. Que seja exemplar no seu novo cargo, são os nossos desejos.

O tempo — Após 15 dias de neve e gelo, que nos bloqueou durante esse tempo, voltou o bom tempo, que foi um maná que caiu do céu, pois os gados não podiam sair das cortes. Ainda bem que não foi preciso ir com ninguém ao dr. em charola numa escada ou numa cadeira, porque se fosse preciso, bem que o doente morria à desprocura, pois não havia quem rompesse. É para ver o sacrifício sobre-humano que este povo faz para salvar o seu semelhante, numa transladação primitiva e humilhante, e devido à incoerência de ainda não existir uma estrada que nos ligue à sede do concelho.

A quem de direito. — C.

De PENSO

9-1-971

O tempo e os campos — Como é do conhecimento geral, este inverno de 70-71 tem sido abundante em neves que por todo o País nos põem, a maior parte do tempo, à lareira.

Assim, os campos apresentam um aspecto desolador, pois sem águas não há pastos nem ervas.

Bem haja ao Governo por ter criado um crédito financeiro, para que os lavradores, criadores de bovinos e ovinos, possam adquirir as rações adequadas para os seus animais.

Os que desejarem beneficiar de tão acertada medida devem dirigir-se ao Grémio do Concelho.

CASA DA SORTE

ABRIU O ANO DE 1971
TAL COMO FECHOU O DE 1970

a vender aos seus balcões

PRÉMIOS GRANDES

5808 — 3.º Prémio — 300 contos

PRÉMIOS DE 48 CONTOS

22342 - 25345 - 34090 - 47178 - 48094

A seguir: 5.ª-feira, às 12 horas

(Dia e hora a que passam a efectuar-se as extracções)

LOTARIA POPULAR

4.200 contos

Bilhetes a 300\$00 — Duodécimos a 25\$00

HABILITE-SE NA

CASA DA SORTE

A Lotaria da CASA DA SORTE é vendida em Melgaço pelo sr. Miguel Henrique Gonçalves Pereira

Novo assinante — Desejou ser assinante de «A Voz de Melgaço» o nosso amigo e conterrâneo, sr. Alberto da Rocha Carvalho, residente em Lisboa.

Visita natalícia — Com pouca demora, estiveram a passar a consoda com suas famílias, vários conterrâneos residentes em Lisboa.

Devido à brevidade do tempo e ao frio existente, não nos foi possível falar-lhes e dar-lhes os cumprimentos. Apenas cumprimentamos os srs. Manuel Caetano da Rocha, o seu irmão António da Rocha, que com suas esposas e filhos, passaram a consoda em casa de seu pai, o nosso amigo e assinante, sr. Americo da Rocha.

Casamento — No passado dia 23 do mês de Dezembro, realizou-se o enlace matrimonial do sr. António Dias, filho de Manuel Dias e de Francisca da Nazaré Fernandes, do lugar de Alempassa, com a prexada menina Maria de Lurdes Rodrigues, filha muito querida do sr. Eduardo José Rodrigues e de Amélia Glória Rei, da vizinha freguesia de Paderne.

Apadrinharam o acto o sr. Henrique Garcia e sua esposa D. Fernanda Pinto Gama. Entregou as alianças a menina Deolinda Norberto Pinto Garcia, filha dos padrinhos.

Findo o acto, que se realizou na nossa igreja, todos e em grande número, se dirigiram para o Pese, aonde lhes foi servido abundante e bem confeccionada refeição.

Aos noivos, que em breve

Até quando o escândalo em Melgaço?

Até quando andarà fora dos eixos o Presidente da Câmara?

Dissemos, com mágoa, no penúltimo número deste jornal, que o Presidente da Câmara, sr. dr. Sidónio S.S.S.S., tem obras em curso sem planta e sem licenciamento.

Ora o art.º 79.º do Código Administrativo enumera, entre as obrigações dos presidentes de câmara, a seguinte: «executar e fazer executar no concelho as leis e regulamentos administrativos». Está, porventura, desonerado desta obrigação o Presidente da Câmara de Melgaço? Não está.

E terá autoridade moral para «fazer executar no concelho as leis e regulamentos...» quem os não executa? Não tem.

O que está a passar-se em Melgaço com as obras do seu Presidente é uma vergonha e, além disso, um escândalo.

Apelamos para o sr. Governador Civil, o único responsável pela indicação do sr. dr.

(Continua na 5.ª página)

partem para França, aonde vão fixar-se, desejamos muitas felicidades.

Norberto José Vas

BRASILEIRA DO PORTO

CAFÉS

61. RUA SÁ DA BANDEIRA, 91 * PORTO

Um gesto à gesta

Pelo DR. ABEL VARELA E SEIXAS

Longe de nós a ideia quando, embevecidos e orgulhosos assistíamos à exposição do seu martírio e calvário do Aviador Sousa Lobato, na nossa Rádio sabermos-lo comprovanciano e conterrâneo porque, pese a muitos à nossa terra é o Distrito de Viana. Tão bonito e maneirinho, solar de tradições nobres, que uma terra ou outra, mais não é que sala desse mesmo solar onde se viu a luz do dia. Se nos orgulham os feitos nobres ou guerreiros de qualquer homem, digno desse nome, dos que por «feitos valerosos» se vão creditando no haver de heroísmo, que fará aqueles que vivem paredes meias connosco, sentem os mesmos ansios de renovação, progresso e paz?!... E que, na realidade, este moço

é de tal transcendência a sua odisséia que, pobre escrevinhador regionalista de há longos anos e da fundação deste órgão de Imprensa, sacrilégio cometeríamos se não viessemos marcar presença, rendendo homenagem ao herói consumado.

Magnífico que o Concelho o acarinhie e festeje, como símbolo duma raça, edificante ainda hoje de cavaleiros duma Idade-Média, de lenda, crença e espiritualidade adentro duma luzitanidade imorredora. Não vamos mais uma vez descrever seus factos, o que aliás fez em linguagem simples e grande de Soldado, mas tão somente apresentamo-lo na sequência dos nossos escritos, dado que apenas nos conhecemos pela condição de portugueses.

Há quanto tempo vimos a afirmar que os rapazes de Melgaço, nas três frentes, têm sabido cumprir com os demais, elevando e por si bem alto o nome da sua terra. Esses moços que deixando a espingarda e dando demão ao arado, vão para os longes cosmopolitas desta Europa mantendo a mesma inflexibilidade de espinha dorsal, a mesma honradez e limpidez de carácter, como emigrantes.

Cá do meio da rua, giria, que por vezes se emprega, todas as homenagens são poucas a prestar ao Aviador Lobato, mas ousavamos lembrar que a elas se juntam, glorificando o «seu» Sargento todos aqueles que passaram pelos martírios do Ultramar. O maior número possível, servindo de pano de fundo ao acto de glorificação por uma terra agradecida.

Honrando uns e glorificando todos, o mesmo que a própria terra «primus inter pares», ou seja o tal «primeiro entre os iguais».

De Rouças

Janeiro, 13

De França — Tem chegado mais rapazes de França. Entre eles, o nosso estimado assinante, Manuel da Costa, de Pombeira e outros tem já partido para aquela terra.

— Há dias, foi-se embora «clandestinamente» o nosso querido amigo e assinante na Argentina, o sr. Manuel Esteves, da Pombeira, que de vez em quando aqui aparece e vai por essas terras fora de Espanha e França visitar os seus. Desta vez, partiu as escondidas, para que ninguém o visse. Tivemos muita pena. O Manuel Esteves é destes homens que devia ter poses para estar metade do mês na Argentina e outra metade aqui. Que ele se não esqueça de nos saber da direcção do outro amigo de S. Paio, tão gentil e que tão bela lição deu aqui de respeito pela sua mãe.

Filhos de Deus — No dia 10, foi baptizada a menina Maria Alberta, dos Perses, filhinha dos nossos estimados amigos, sr. Manuel Fernandes e de sua esposa, sr. Margarida Rodrigues. Foram padrinhos, o sr. António Rodrigues, tio da menina, e a sua avó materna.

À nova filhinha do Senhor, os nossos votos de uma vida muito feliz.

Falecimento — Faleceu ontem o sr. José da Rita, da Vinha de Cima. Ainda nesse mesmo dia andara a podar as videiras, mas a morte não espera. Paz à sua alma.

— Os lugares da Verdade e Requeijo, andam muito empunhados em fazer a nova estrada Calvário — Cavaleiros. Oxalá que todos os ajudem, pois se trata de benefício da freguesia. Hoje não precisávamos, para muitas coisas, da ajuda do Estado. Com um bocadinho de coragem, tudo se faria. Mas vai um frio...

Sr. INDUSTRIAL:

Deseja que os seus produtos sejam vendidos e conhecidos no mercado? Anuncie desde já em

«A VOZ DE MELGAÇO»

A MANOBRA

Os autores e os cúmplices

De começo, como se sabe, o Governo não atribuiu importância de maior ao boato segundo o qual se iria proceder a uma desvalorização do Escudo. Confiou em que o bom senso das pessoas bastaria para desfazer a estúpida atoarda. Porém, depressa se reconheceu que existia, no fundo do disparate propalado, um intuito criminoso — intuito de «guerra psicológica», servido por quem não hesita diante da traição. E notemos que a palavra «traição» ficou explicitamente aplicada no texto do comunicado oficial vindo a público.

Temos, portanto, que reconhecer, mais uma vez, que o inimigo não perde um ensejo para ferir as nossas energias económicas e financeiras, além de manobrar, noutros terrenos, para abalar as forças morais e espirituais dos Portugueses, aquém e além-mar.

Recorrer a eufemismos cortezes para analisar este caso seria uma forma de complacência digna de pública condenação. Tentar tirar-lhe importância seria um processo deveras suspeito de afastar dos olhos das populações o verdadeiro perfil do inimigo externo e interno que as espreita. Compreende-se, por conseguinte, que a Imprensa responsável e qualificada reagisse num sentido de legítima defesa, como também se compreende que outros órgãos preferissem a tática arditosa de reduzir o facto a notícia perdida numa página interior, entre anúncios de pouco ou nenhuma projecção...

Ocultar a verdade é uma forma de favorecer a mentira. E se a mentira contém em si germes de hostilidade e de «traição» (como o Governo bem explicou), a sonegação parcial ou total expri-

me um propósito fácil de classificar.

O «homem da rua — a quem alguns escribas se referem num tom displicente ou mesmo desdenhoso — não é tão desprovido de senso crítico como determinados cultivadores de demagogia pretendem fazer crer. Assim, o «homem comum» sabe, nitidamente, ao notar uma cavilosa tática de ocultação de notícias importantes, encontrar o real significado dessa artimanha. Só esconde a verdade quem tem interesse em deixar medrar a mentira. E é disso mesmo que se trata!

Depressa se verificou, porém, a inutilidade do ardil de uns e de outros!

O «Financial Times» e os meios financeiros internacionais proclamaram que o Escudo continua a ser «uma das moedas mais fortes do Mundo» e que «nenhuma razão se distingue que possa tornar admissível, em hipótese sequer, uma desvalorização». Pouco depois, a própria libra recuava dian-

te do valor crescente do Escudo português!

Não esqueçamos: Foi manobra de «guerra psicológica» — igual a muitas mais. Igual a outras que hão-de aparecer, no mesmo campo ou noutros domínios importantes para a vida portuguesa. Aos inimigos externos bem sabemos como responder. Estamos, aliás, a replicar-lhes, *onã e quando e como eles merecem*. Mas restam os «outros» — os internos, os que se integram na «traição» a que o Governo aludiu na sua nota da Presidência do Conselho. E é quanto a esses — quase sempre disfarçados — que nos convém manter a mais constante vigilância. Onde estão? É diante desta pergunta que o «homem da rua», com o seu agudo sentido crítico, a sua autêntica presciência, deve reflectir. Como devem reflectir os que tenham missões de irredutível defesa em todos os terrenos da vida pública e privada nacional!

D. C.

Antigualhas Melgacenses

VIII

SANTA MARIA DO CAMPO

Ao falar de Santa Maria da Porta já disse bastante da igreja de Santa Maria do Campo, assim chamada por estar no então campo da feira e para distinguir da outra que estava junto da porta do castelo.

Antiga era ela, e já existia no século XII, porque nunca seria preciso dizer que a outra estava junto da porta, se não houvesse esta. Era preciso especificar para não haver confusão.

Ambas igrejas de Santa Maria e ambas em Melgaço, não poderia saber-se a qual a gente se referia ao dizer apenas Santa Maria de Melgaço. Por isso temos dificuldade em compreender os repetidos documentos do mosteiro de Fiães que nos apresentam os convénios da Câmara e moradores de Melgaço com o D. Abade e monges de Fiães.

A primeira vez que encontrei esta igreja devidamente especificada foi nas inquirições de D. Afonso III feitas em 1258. Delas apenas verificamos que existia a freguesia de Santa Maria do Campo, sem nos darem outras particularidades.

Em 1320, no reinado de D. Dinis, era a igreja de Santa Maria do Campo de recursos menos que medianos, embora houvesse outras mais humildes. As suas rendas foram calculadas em 30 libras, ao passo que as de Santa Maria da Porta o foram em 110, como já vimos no capítulo anterior.

Não encontrei mais referências até ao princípio do século XVI em que nos aparece no Igrejário de D. Diogo de Sousa (arcebispo de Braga) com a nota de ser de livre escolha do arcebispo o seu pároco.

Nos primeiros tempos da nossa nacionalidade, a igreja de Santa Maria do Campo ficava fora da fortaleza, bem como a de Santa Maria de Porta, porquanto o castelo de Melgaço era constituído pela torre de menagem e reduto fortificado em volta, que foi restaurado há anos.

Em tempo de D. Afonso III e D. Dinis é que a povoação foi protegida por uma segunda muralha de que falarei oportunamente, e então ambas as igrejas ficaram da parte de dentro.

O falecido Dr. Augusto César Esteves, com elementos claros demonstra que a antiga igreja de Santa Maria do Campo é a actual, igreja da Misericórdia com modificações no decorrer dos tempos. Mais supõe que o seu território se estendia; a parte da vila a ao correr do regato que vem de Fiães até entestar no rio Minho (1).

Em 1540 fez-se um tombo da freguesia de Rouças e nele interveio o P. João da Costa, cura de Santa Maria do Campo, na qualidade de *homem bom* e como procurador do abade das igrejas de Santa Maria da Porta e S. Lourenço de Prado que estava ausente.

Esta freguesia deve ter desaparecido, como outras, nas reformas seguintes ao Concílio de Trento realizado nos fins do século XVI.

O tomar conta da igreja a então nòvel instituição da Misericórdia evitou que por completo desaparecesse como aconteceu não só à igreja de S. Fagundo como a diversos templos que na vila houve.

P. M. A. Bernardo Pintor

Malefícios a combater

Parece que, finalmente, se despertou, no Mundo civilizado, para a urgente necessidade de se organizar a protecção da Natureza. Congressos, colóquios, conferências, assembleias de técnicos e de sociólogos, reuniões de economistas... A F.A.O. ergue seus apelos. A própria Organização Mundial de Saúde dirige-se à consciência dos homens de todos os países, apontando-lhes os riscos criados pela destruição de valores indispensáveis ao equilíbrio natural da vida, tanto como pela poluição dos mares, dos rios, da atmosfera que respiramos.

Temos, por conseguinte, de reconhecer que a espécie humana está de frente de um grave problema, cujos factores podem afectar, em futuro mais ou menos próximo, a sua sobrevivência. Problema provocado pela espécie, é evidente, na vertiginosa correria em busca da «cidade ideal», sempre distante. O homem observa, agora, a enormidade dos erros cometidos, dos excessos praticados — do dramático equívoco em que ele aparece, afinal, como culpado e vítima também. Dizem a Ciência e a

Técnica que há remédios capazes de reduzir, pelo menos, a dimensão espantosa das depredações consumadas. Já ninguém nega os males; trata-se de escolher os melhores meios de impedir que eles se tornem irreversíveis na totalidade das suas cruéis manifestações.

Não parece que Portugal possa ser arguido de haver negligenciado a questão. Há legislação dos séculos XVIII e XIX que o demonstram — e há medidas decretadas, em diferentes fases da nossa vida moderna, que o comprovam.

Isso nos habilita a falar com autoridade ante as sumidades mundiais, mas igualmente nos obriga — a todos e a cada um — a nunca sair do caminho que o mais singelo bom senso (e até o instinto de conservação) aconselha. Na Metrópole, age-se com inegável celeridade e zelo, na medida das possibilidades. No Ultramar, ao que cremos, também não estamos distraídos. Inútil seria, porém, dizermos que não subsistem práticas anómalas. A conservação dos solos, a defesa de muitas es-

(Continua na pág. seguinte)

Leve comentário

- A obra de Santa Rita
- A formação do sr. dr. Abel, juiz substituto da Comarca também é "obra,, da "pedinchice,,
- "Notícias de Melgaço, ou soalheiro de asneiras?"

«Eles de que era são? Dos asneiristas ou coração ou a cabeça? nestá».

Felinto Elisio

Diz o sr. dr. Abel Vaz, juiz substituto da comarca de Melgaço, advogado, conservador e, até, agente duma companhia de seguros, no seu *audas* de 10-11-970, que está convencido da inutilidade da obra que a paróquia de Rouças, animada pelo seu zeloso pároco, está a construir em Santa Rita.

Que órgão o terá convencido, o coração ou a cabeça?

Lamento, se foi o coração; lastimo, se foi a cabeça.

Se foi o coração, o convencimento não está alicerçado em motivos válidos, porquanto, o coração é cego. Se foi a cabeça, é de estranhar que tenha *matutado* tão deficientemente.

A pergunta: a obra é útil? O sr. dr. diz: não, e eu digo: sim.

Como estamos em contradicção, o desafio-o para que me prove a veracidade da sua, ou a falsidade da minha resposta.

Fuga ou presença?

Eu não fujo, espero.

No entanto vou entreter-me a trautear o vindo da vitória, porque a herança não tem duas caras, como alguns homens, só tem uma, e essa voltada para mim. Se aparece, fica *depenado*, e leva uma *ta-pona*, porque qualquer pessoa, mesmo a mais inculta, vê a sua utilidade.

Mas, por que dirá que é inútil? Não há, porventura, pobresinhos necessitados de um lar?...

E serão úteis as obras da Peneda?... e as obras do Senhor do Bonfim?... e as obras de S. Bento do Cando?... etc., etc., etc.?

As de Santa Rita são mais úteis; aquelas só se utilizam durante um pequeno período de tempo — nove dias mais ou menos, anualmente — ao passo que nas de Santa Rita terão, os pobresinhos, o aconchego de um lar e o pão de cada dia.

Só é pena que se não acabem depressa.

Roma e Pavia também se não fiseram num dia.

Há tanto pobrezinho a tiritar de frio!... Há tanto velhinho carecido de pão!...

A obra de Santa Rita é útil e, em razão do fim a que se destina, merece o carinho e o apoio de toda a gente bem formada.

O sr. dr. Abel ainda há-de ajudar a obra de Santa Rita!...

* * *

O sr. dr. classificou os apelos do sr. P. Carlos Vaz, a favor das obras de Santa Rita de *ataques à fazenda do próximo, investidas à carteira e pedinchice.*

Disse ainda no seu *Audaz* de 10 de Novembro último: «Porque continua a lançar as redes da *pesqueira* — a *pesqueira* é Santa Rita — no seu jornal, com *peditórios sentimentais* e com o nome de *Deus e dos Santos à mistura?*».

Trasladei fielmente para não estragar o travo irónico e jaco-

bino da expressão. O linguajar é *voltairiano*. Haverá aqui desvario verbal ou manifestação de ruindade?

Será herética a *mistura do nome de Deus e dos Santos?*

A linguagem ou é sincera, ou não. Se é sincera, o sr. dr. não será jacobino? Se não é jacobino, a linguagem será sincera?

Não me pronuncio; que se pronuncie ele, o sr. dr., já que se meteu nestes *assados* mui voluntariamente.

Já provei, em número anterior deste jornal, que os apelos não são *ataques*, nem *investidas*. Serão *«pedinchice»*?

As obras da Igreja são todas feitas com o produto de *peditórios* entre os fiéis. Assim, levantaram-se com *peditórios* — *pedinchice* é o vocábulo mais do agrado do sr. juiz substituto de Melgaço — as obras do Sameiro, as obras do Centro Apostólico, as obras de Chaviães, a Casa Paroquial de Fiães, a de Penso, a de Cubalhão, etc., etc., etc..

Com que verbas se levantou em Almada o Monumento a Cristo Rei?

Mais a formação do sr. dr. Abel Vaz, juiz substituto da Comarca de Melgaço, é, em parte, obra da *pedinchice*. Sim. O sr. dr. Abel frequentou o Seminário. Ora o Seminário vive, em parte, pelo menos, de *peditórios* — *«pedinchice»*. Logo... Com esta não contava o sr. dr. Abel!...

E como licenciará os *peditórios* para os Tuberculosos, para a Cruz Vermelha, para os Cancerosos?... etc.

«Pedinchices»?

Não lhe teriam batido à porta, nesta quadra festiva, as crianças das escolas a pedir para os tuberculosos?

Não lhes chamou *pedinchices*...

Diz que Santa Rita é uma *pesqueira*.

Será!?... Admitámos a afirmativa.

E não será maior e melhor *pesqueira* a banca de advogado do sr. dr. Abel Vaz?

Em Santa Rita, há devotos; em frente da banca de advogado, há clientes.

Os devotos dão se querem, o que querem e quando querem.

Os clientes pagam — têm de pagar — o que lhes for exigido e quando lhes for exigido.

O devoto é quem marca o quantitativo da oferta; na banca é o advogado quem marca os honorários.

O rendimento das festas destina-se às obras de Santa Rita; os honorários são para o advogado.

O devoto nunca se queixa; e o cliente?... Ah!... Ah!...

A banca de advogado do sr. dr. Abel é que é uma riquíssima *pesqueira*!...

Para o sr. dr. Abel também será uma *pesqueira* S. Bento de Fiães?... e a Senhora da Cabeça, em Penso?... e a Se-

Malefícios a combater

(Continuação da 4.ª página)

peções animais e vegetais, por exemplo, oferecem-nos motivos para meditação e, mais do que isso, para acção eficaz. As «reservas» criadas não bastam, ao que se supõe. É preciso ampliar o sistema e aumentar o número dos animais abrangidos pela protecção. É preciso tornar mais severa a repressão de hábitos, cujas consequências nefastas são plenamente conhecidas. É preciso impedir, por todas as formas, a poluição das águas dos rios e do mar. Os efeitos da erosão têm de ser analisados em minúcia e combatidos segundo as técnicas modernas. Tudo isto se torna imperativo. Como imprescindível se considera que as populações sejam educadas, ensinadas, persistentemente, até em que consiste o único rumo certo.

Não é problema que se solucione de um dia para o outro, compreende-se. Todavia, a acção combinada e correcta das entidades oficiais e das particulares oferece-nos amplas promessas de se conseguir, dia a dia, hora a hora, deter alguns dos malefícios e obter recuperações de importância vital. «O inverso será caminhar para um abismo». Dizem os técnicos. E com razão.

A. C.

Até quando o escândalo em Melgaço

(Continuação da 3.ª página)

Sidónio para a Presidência, para que ponha termo, quanto antes, a uma e outra coisa.

Exige-o o respeito que merece o povo de Melgaço, que aguarda que o informem se o Presidente já apresentou as plantas, se já requereu os licenciamentos e se já pagou as multas pelas transgressões que cometeu.

Até quando audará *fora dos eixos* o Presidente da Câmara? Porque se espera para o meter na ordem?

Melgaço não é terra de cafres!...

A. Rodrigues

nhora da Vista, em Tangil?... e a Senhora da Fátima?... e a Senhora do Sameiro?...

Que responderá o Juiz substituto da Comarca de Melgaço sr. dr. Abel Vaz?

Quando fizer um pequeno exame de consciência fica satisfeito, estou certo disso, com as parvoíceadas, no sentido de asneiras, que tem assoalhado no seu *Audaz* — o «Notícias de Melgaço».

* * *
A obra de Santa Rita é útil.

* * *
São dignos de louvores os apelos do sr. Padre Carlos.

* * *
Santa Rita não é uma *pesqueira*; é uma obra séria; é uma obra da Igreja.

A. Rodrigues

IMPOSTOS INDIRECTOS

Apresentamos aos nossos leitores os Impostos Indirectos de Monção e o que Melgaço paga a mais:

Aguardente, litro 1\$00 + \$50; Aguardente, litro 1\$00 + \$60; Alcool, litro 1\$40 + \$40; Alpercatas e chinelos, par 2\$50 + 2\$00; Aparelhos de televisão, cada 200\$00 + 100\$00; Aquecedores grandes, cada 150\$00 + 100\$00; Aquecedores pequenos, cada 20\$00 + 10\$00; Arroz e cevadilha, quilo 2\$00 + \$10; Arame de qualquer qualidade ou rede, quilo 1\$00 + \$50; Artigos de caça ou pesca, quilo 5\$00 + 2\$50; Artigos de verga ou junco, cada 3\$00 + 2\$00; Artigos funerários e obra de palheta, quilo 5\$00 + 3\$00; Artigos de papelaria e escritório, quilo 5\$00 + 3\$00; Artigos para instalações eléctricas, cobre, fio de cobre estanho, quilo 5\$00 + 3\$00; Aspiradores, cada 80\$00 + 40\$00; Azulejos e mosaicos, cento 20\$00 + 12\$50; Brandys, garrafa 4\$00 + 1\$50; Brandys, litro 5\$00 + 2\$00; Cabedais em obra, pasta ou sola, quilo 2\$50 + 1\$00; Cadeiras, cada 5\$00 + 2\$50; Café, cevada e chicória, quilo 1\$00 + \$50; Calçado para criança até ao n.º 30, par 8\$00 + 6\$00; Calçado para homem e senhora, par 12\$00 + 9\$50; Camas de madeira ou ferro, cada 20\$00 + 10\$00; Carne de cabrito ou carneiro, quilo 1\$00 + \$70; Carne de vaca — verde, fumada ou salgada, quilo 50¢ + \$10; Carne de porco ou vitela, quilo 50¢ + \$10; Carrinhos de Linhas e botões, dúzia 50¢ + \$20; Castanha, quilo 30¢ + \$20; Cebola, quilo 10¢ + \$09; Chapéus, excepto os ordinários de palha, cada 7\$50 + 5\$00; Chocolate e cacau, quilo 2\$00 + 1\$00; Chocolate fino, quilo 3\$00 + \$50; Chumbo em barra, obra ou pasta, quilo 1\$00 + \$50; Cola, quilo 1\$00 + \$50; Colchões de arame, cada 10\$00 + 2\$50; Cómodas, guarda-roupas, guarda-vestidos, louçadores e lavatórios, cada 20\$00 + 10\$00; Conservas (lata, frasco ou quilo) 1\$00 + \$50; Corda e fio de qualquer qualidade, quilo 1\$00 + \$50; Drogas e produtos farmacêuticos, quilo 1\$00 + 20¢; Esquentadores, cada 50\$00 + 10\$00; Faqueiros de 1.ª, cada 50\$00 + 10\$00; Faqueiros de 2.ª, cada 20\$00 + 10\$00; Fogo do ar e aquático, dúzia 12\$50 + 5\$00; Fogo preso, peça 20\$00 + 12\$50; Fogões, cada 50\$00 + 10\$00; Frigoríficos, cada 150\$00 + 50\$00; Galinhas e frangos, cada 1\$00 + \$60; Gravosas, garrafa 50¢ + \$10; Gira-discos, cada 60\$00 + 20\$00; Gravadores, cada 100\$00 + 30\$00; Guarda-chuvas e sombrinhas, cada 5\$00 + 2\$50; Laranjas e refrigerantes, garrafa 40¢ + 20¢; Leite em pó, quilo 2\$00 + 1\$00; Licores nacionais, garrafa 5\$00 + 2\$50; Licores estrangeiros, garrafa 10\$00 + 5\$00; Louças de faiança, porcelana e ferro fundido, quilo 2\$00 + 1\$50; Louças de alumínio, quilo 2\$00 + 1\$00; Louças de barro, quilo 5\$00 + \$80; Malas até 80 cm. de comprimento, cada 5\$00 + 2\$00; Malas do tamanho superior a 80 cm., cada 10\$00 + 5\$00; Maletas até 35 cm. e 10\$00; Máquinas de costura, cada 100\$00 + 20\$00; Máquinas de escrever, cada 100\$00 + 50\$00; Máquinas fotográficas, cada 50\$00 + 10\$00; Máquinas de lavar roupa, cada 100\$00 + 30\$00; Meiples, cada 50\$00 + 30\$00; Mesas de qualquer espécie, cada 10\$00 + 5\$00; Peixe: sardinha, carapau e cavala fresca ou salgada, quilo 30¢ + \$05; Peixe: seco, fresco, salgado de salmoura ou conserva, quilo 40¢ + \$10; Peixe fino, quilo 60¢ + \$10; Perfumarias, quilo 10\$00 + 5\$00; Petróleo ou qualquer outro óleo para iluminação, litro 10¢ + \$03; Queijo de cabra ou ovelha, quilo 1\$00 + \$30; Quinquilharia e brinquedos para criança, quilo 2\$00 + 1\$00; Relógios de parede ou mesa, cada 30\$00 + 10\$00; Relógios de ouro ou platina, cada 100\$00 + 50\$00; Relógios de outros metais, cada 20\$00 + 5\$00; Sabão, quilo 10¢ + \$05; Sofás, cada 50\$00 + 20\$00; Sofás cama, cada 60\$00 + 20\$00; Tamancos e chancas, par 2\$50 + 2\$00; Tecidos e fio de algodão e de linho, quilo 2\$00 + 1\$00; Telha comum e tijolo, cento 5\$00 + 2\$00; Tintas preparadas ou não, quilo 1\$00 + 20¢; Uisque, garrafa 20\$00 + 10\$00; Urnas de 1.ª, cada 50\$00 + 10\$; Urnas de 2.ª, cada 40\$00 + 15\$00; Vinho, litro 1\$00 + \$05; Vinhos espumosos estrangeiros, garrafa 20\$00 + 10\$00; Vinhos espumosos nacionais, garrafa 5\$00 + 2\$00; Vinho do Porto, Madeira e semelhantes, garrafa: 2\$50 + 1\$00; litro: 3\$00 + 1\$00.

Como se depreende deste texto, em Melgaço, os impostos indirectos são muito mais elevados que em Monção.

Teremos nós de ir a Monção comprar estes produtos?

Vinho do Porto BARROS

De todos De todos

O O

mais saboroso mais preferido

Lágrima Christi **BARROS**

em França o mais apreciado

PROBLEMAS ACTUAIS EM MELGAÇO...

(Continuação da 1.ª página)

Não nos lembramos de que em Melgaço algum dia se tivesse procedido assim. Trata-se até dum funcionário, quase no fim da sua carreira. Todo o concelho estima os seus funcionários da Câmara e este caso mais parece uma perseguição levada a cabo, pelo Senhor Secretário. Será? Lamentamo-lo deveras, até porque não há memória, que saibamos, de caso idêntico, em Melgaço, se se trata de perseguição.

O caso do recenseamento — Também nos consta que em Castro Laboreiro se procedeu ao recenseamento, a que a população agora está obrigada, mediante pagamento de cotas e não se salvando devidamente o segredo dos interessados.

A ser verdade, o facto parece-nos muito grave e parece que em Castro Laboreiro da Câmara devia dar uma explicação sobre o caso a todo o concelho. Mas porque é que um elemento de fora do concelho há-de vir para aqui proceder como se estivesse em terra de analfabetos? O próprio sr. Presidente da Câmara devia, em nosso entender, dar uma explicação.

O custo de vida — De um momento para o outro a Câmara, agravou-nos consideravelmente o custo de vida, com os impostos indirectos. E nós perguntamo-nos para quê? Para se gastar em mobílias luxuosas como as que vieram para a Câmara?

Quando há dias nos encontrávamos em Madrid, tivemos a satisfação de ver no considerado diário «Ya» uma crónica, ida de Lisboa, em que se louvava o Sr. Presidente do Conselho pela sua corajosa luta contra o agravamento do custo de vida. E é aqui, numa pequena porção do sagrado torrão nacional, que se agrava, tão pesadamente, esse mesmo custo de vida.

A gente pergunta-se: — mas quem está à frente da Edilidade vive integrado, de verdade, nos verdadeiros sentimentos nacionalistas do país?

Nós duvidamo-lo! Como se explica que um Homem, Director dum Colégio e na sua idade, não estivesse inscrito nos cadernos eleitorais? Não será, pelo menos, um apático aos graves problemas vitais da Nação?

Antes da nomeação dum Presidente da Câmara devia primeiramente saber-se, com rigor, da saúde financeira do mesmo, isto é, da forma como administra o que é seu. Ter-se-ia feito o mesmo?

Pobre terra a nossa! Como tão depressa se desagravou essa alma pura de Melgaçoense, o Sr. Professor Rodrigues. Levaram-nos a paz. E fazem-nos viver neste doloroso clima.

Lindo gesto

Na homenagem ao nosso bravo Lobato lá estava o sr. dr. Felgueiras, Vice-Presidente Distrital da A. N. Popular.

Não tinha sido convidado. Soube da notícia pela rádio e não faltou apesar da neve. Mas fez mais: na altura dos brindes falou com enorme calor do amor pátrio que o orienta e, para ser mais claro, disse que tinha trazido os seus 3 filhos para verem bem o exemplo desse herói que é o Lobato, desse homem que não atraiçou a Pátria em nenhuma circunstância. Nada melhor que o exemplo para servir de incentivo aos que na vida encontrarão situações parecidas.

Pontas de fogo

(Continuação da 1.ª página)

dr. Abel em ordem à união de todos!...

O caso mais frizante, todavia é que o sr. dr. Abel, tão lesto a beliscar o sr. prof. Rodrigues e a permitir calúnias no jornal, não disse ainda uma palavra acerca do comportamento do actual presidente da Câmara, quer em relação às obras de Santa Rita, quer pelo facto de registar os filhos em Espanha, quer pela diferença de atitudes nos casos das Águas de Chaviães, que ainda não está resolvido, e no actual da Gave.

Não haverá aqui um compadre?

Será porque na Gave não há nenhum brasileiro interessado?

Porque se chamou «vandalos» aos de Chaviães e nada se diz da Gave?

Nós pensamos que a tendência conflituosa do sr. dr. Abel é motivo mais que suficiente para o inibir de qualquer cargo público que procure a união entre todos. Mas se isso não bastar e tudo o resto que os jornais já disseram, era bom que as autoridades se informassem bem acerca da actividade desenvolvida em Valença.

Vale mais prevenir que remediar!

Já chegam os escândalos em Melgaço!

Sr. COMERCIANTE:

Deseja ver os seus artigos a ser rapidamente vendidos? Anuncie desde já em

«A VOZ DE MELGAÇO»

O Santo da Quinzena

(Continuação da 1.ª página)

pos vigiando os seus rebanhos, mandou celeste mensagem, por intermédio dos Anjos, que lhes anunciaram o grande acontecimento, dizendo: «Não temais; anuncio-vos uma boa nova, que há-de ser para todo o povo motivo de grande alegria! Hoje na cidade de David, nasceu o Salvador, que é o Cristo, Nosso Senhor».

Aos pagãos do Oriente, mandou a estrela maravilhosa a anunciar-lhes o aparecimento do Messias prometido. Os pagãos bem conheciam esta profecia e, ansiosos, esperavam pelo aparecimento da estrela preconizada. Afinal viram-na surgir. Sobressaindo entre as outras, pelo brilho e a posição extraordinários, chamou a atenção dos três homens, conhecidos por: Gaspar, Melchior e Baltazar ou, como a Bíblia os intitula, os três Magos do Oriente. Iluminados por luz divina, conheceram no aparecimento da estrela o sinal indubitável do cumprimento da palavra profética e sem demora trataram dos preparos da viagem, que os levassem à presença do Rei dos Judeus recém-nascido. A estrela servia-lhes de guia. Seguindo-a sem desfalecimento chegaram a Jerusalém. Aqui, o astro maravilhoso se lhes escondeu das vistas; grande foi a tristeza e não menor o desapontamento dos Magos.

Então, entrando na cidade, perguntaram: «onde está o Rei dos Judeus, que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo». Se grande foi o desgosto por não mais ver a estrela, sua fiel companheira, maior foi a decepção que experimentaram, ao notarem o espanto que essa pergunta causou às pessoas a quem a dirigiram.

A chegada de três príncipes estrangeiros a capital dos Judeus, provocou grande alvoroço na cidade e na corte real. O rei Herodes perturbou-se, não sabendo o que pensar da inesperada nova. Interiormente, começou a recear que lhe viesse ser retirado o trono. Reuniu os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, para que lhe dissessem o lugar onde devia nascer Cristo. Os sagrados livros dizem: Em Belém, terra de Judá. Herodes planeou nesse momento, matar Jesus, pedindo aos Magos, que, ao voltarem, lhe viessem dar notícias a respeito desse Menino. Mas avisados por um Anjo, seguiram por outros caminhos para as suas terras.

Os três Magos, são chamados as primícias da nossa fé. Agradece a Deus a tua vocação de católico.

Irmã Maria dos Anjos

Agostinho Vilas

80.º Aniversário Natalício

No passado dia 7, rodeado do carinho dos seus familiares, festejou o seu 80.º Aniversário natalício, o nosso amigo, sr. Agostinho Vilas, pessoa muito conhecida e estimada nesta vila.

Por tal motivo desejamos ao aniversariante, que esta data se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

Daqui, Castro Laboreiro

Ainda não conseguimos identificar aquelas estranhas personagens, que por aqui andaram, à laia de quem cobra anuais, nos dias que precederam o último Natal.

A princípio, foram tomados por irmãos da Confraria do Espírito Santo de Coura. Mas porque as anuidades eram muito «puxadas», se deslocavam em luxuoso automóvel e abafavam em riquíssimas samarras, esta hipótese foi posta de parte. Quem seria? Sobravam muitos impressos, e houve quem pensasse tratar-se de altos dignitários da administração pública, aqui deslocados na recolha de quaisquer dados de carácter secreto. Também não se verificou tal, porquanto deram de pedir informações públicas. *A coisa não era confidencial*

Seriam filantropos vindos a esta terra visitar pobres, entregar dádivas aos mesmos, ou em qualquer missão de promoção social? Não. Também não eram tal.

Nada trouxeram e levaram tudo o que puderam.

Ainda se pensou tratar-se de ricos negociantes de madeira, representantes de qualquer fábrica de celulose. Mas esta ideia só sobreveio aos castreiros, após a partida daqueles distintos senhores.

É que, tínhamos para lhes oferecer, muitas variedades de madeira e muita gama de lenha. Temos carvalho cerquinho, azevinho, lódão, marme-

Promoção

Pela Ordem do Ministério da Marinha, foi promovido a Sargento Ajudante, o nosso amigo, sr. Alfredo Gonçalves Fernandes, que actualmente comanda o Posto de Fiscalização de Pesca desta vila.

Por tal motivo, felicitamos aquele nosso amigo, apresentando-lhe os nossos parabéns, e auguramos-lhe as maiores felicidades a que tem jus.

Por Santa Rita

(Continuação da 1.ª página)

esposa, de Cavaleiro Alvo, 70\$00; do sr. Manuel Branco Fernandes, de Riba de Mouro, 23\$00; do cofre, 571\$00; da sr.ª Guilhermina Rodrigues, de Requeijo, 68\$00; do sr. António Ribeiro, da Quintã, que agora nos tem ajudado muito com os leilões, mais 60\$00; do sr. Manuel José Gonçalves, de Fulão, 100\$00; do sr. Manuel Augusto Rodrigues, de Surribas, 200\$00; Anónimo, 9\$50; da menina Maria da Conceição Gonçalves, da Eira, mais 20\$00; do sr. António Fernandes, da Aldeia, 100\$00; no cofre, 66\$00; do sr. Manuel Joaquim Domingues, de Portelinha, por ocasião dum baptizado, 100\$00; no cofre, mais 70\$00; da sr.ª D. Dulcinea Nôvoas Gonçalves, de Paderne, mais 50\$00; do sr. Puga, figura popular de Paderne, mais 100\$00; por intermédio do sr. Arcipreste de Monção, sr. P.º Alvaro, 10\$00; no cofre, mais 109\$50; do sr. José Lourenço, dos Perses, 50\$00; do sr. António Aug. Carpinteiro, de Sante, 50\$00; do sr. Sargento Táboas, mais 50\$; da sr.ª Maria Rodrigues de Sousa, da Cela, 50\$00; do sr. Henrique Domingues, do Casal, Sante, 35\$00; da sr.ª Maria Alice Esteves, Sante, 35\$00; do sr. João Baptista Esteves, dos Carvalhos, a pensar no seu lindo amor, Ferdinandinho, 50\$00; dum carneiro, 270\$00; da sr.ª Maria de Lurdes Sousa, da Aldeia, 50\$00; do sr. Oliveiros Alves de Castro, de Sante, 50\$00; do sr. José Pereira, de S. Gregório, 20\$00; no cofre, mais 20\$00; por intermédio do sr. Miguel Pereira, estimado comerciante na vila, que por ocasião do Natal nos trouxe tantas prendas, para os velhinhos, mais 400\$00, da conceituada Companhia de Seguros «Bonança».

Pois, graças a Deus. A todos, muito grato.

leiro, vime do grosso, giesta verde e seca, etc..

Esta nossa oferta fica de pé, e na próxima visita, teremos muito gosto em os servir.

Mas, afinal, quem seria? Pelas caras, só tiramos esta conclusão: um deles, parecemos manga de paca, assim a modos de quem passa a vida atrás de uma secretária, indivíduo sedentário. Até nos lembra de o ter visto por aí; o outro, mais miúdo, parecia acompanhar o primeiro, tinha aspecto «paduano», capadócio e de vice qualquer coisa.

Quem seria? Agradecemos a quem nos informe.

Rev. P.º Carlos António Vaz

Após oito dias internado numa clínica de Madrid (Espanha), regressou à sua residência da freguesia de Rouças, o sr. Rev. P.º Carlos António Vaz, Dg.º Pároco daquela freguesia.

Felizmente o seu mal não era grave, como muitas pessoas de mau íntimo, pensavam.

Ao Rev. sr. P.º Carlos Vaz, apresentamos os nossos cumprimentos e oxalá o vejamos sempre de óptima saúde.

Um Melgaçoense

Aniversário

No próximo dia 23 de Janeiro, festeja o seu aniversário natalício, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Celso Ferreira (Cabo da Guarda Fiscal, aposentado).

Desejamos ao nosso amigo Cabo Celso, que esta data se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO